



Relações de comunicação e condições de produção em arranjos de trabalho jornalístico no Ceará: primeiros relatos de experiências

Rafael Rodrigues da Costa¹

Universidade Federal do Ceará

Raphaelle Batista²

Universidade Federal do Ceará

Resumo: Este artigo apresenta um recorte da pesquisa “Arranjos alternativos de jornalismo no Ceará: relações de comunicação e condições de trabalho”, cujo objetivo é analisar as relações de comunicação e as condições de produção no trabalho jornalístico em arranjos ‘alternativos’ às grandes corporações de mídia no Ceará. Finda a etapa de análise de autodeclarações disponíveis nos sites e nas redes sociais de 63 arranjos de comunicação cearenses (COSTA, ARAÚJO e BATISTA, 2020), a pesquisa busca, em sua segunda fase, traçar um perfil dos arranjos, aprofundar percepções e discutir dados revelados na análise anterior. Três entrevistas (DUARTE, 2004) foram realizadas com representantes de arranjos cearenses e permitem inferir que as iniciativas encontram-se em estágios distintos no que toca à sustentabilidade financeira e organização das relações de trabalho, embora partilhem de valores jornalísticos que orientam suas produções.

Palavras-chave: Jornalismo Alternativo; Arranjos de trabalho; Ceará; Comunicação e Trabalho. Trabalho. Entrevistas

1. Introdução

¹Professor adjunto do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC). Pesquisador do Grupo de Pesquisa PráxisJor. Doutor em Linguística pela UFC. Email: rafaelrg@ufc.br.

²Mestranda em Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (UFC). Email: raphaelbatista@gmail.com.

Para melhor compreendermos o contexto atual das relações e condições de trabalho em arranjos jornalísticos alternativos no Ceará, propomos um exercício de memória. Voltemos a dezembro de 1988, quando jornalistas de Fortaleza realizaram um movimento paredista que durou 15 dias e reivindicava melhores salários, diárias de viagem, auxílio-creche, entre outros direitos. A greve, liderada pelo Sindicato dos Jornalistas do Ceará (Sindjorce), contou com a adesão significativa dos profissionais, a maioria funcionária dos dois principais jornais cearenses à época (e ainda hoje): O POVO e Diário do Nordeste.

Apesar dos poucos registros históricos³, a paralisação ainda é lembrada por muitos profissionais, especialmente por ter resultado na demissão de cerca de 70 jornalistas das duas redações (CARATTI, 2010, p. 27), mas também pelo fato de que, até hoje, nunca mais se viu tamanha mobilização, apesar de as reivindicações continuarem as mesmas. Na última Campanha Salarial de Jornais e Revistas 2018/2019, por exemplo, a proposta dos donos de jornais tentava modificar a Convenção Coletiva de Trabalho tocando no pagamento de horas extras, diárias de viagem, adicional da área policial e auxílio-creche integral. Inicialmente, o reajuste salarial sugerido pelos empresários era de apenas 1%, mesmo com uma inflação oficial de 3,64% (SINDJORCE, 2019). Após meses de negociações e atos de campanha que incluíram paralisações pontuais, a representação da categoria conseguiu assegurar o reajuste conforme a inflação e manter outros direitos⁴, embora não sem alguma perda e resistência por parte das empresas em cumprir o acordo.

Esses dois episódios – a greve dos jornalistas em 1988 e a última campanha salarial da categoria no Ceará –, distantes em mais de 30 anos, nos ajudam a perceber o contexto laboral dos jornalistas cearenses e mostram que é antigo o desalinhamento entre as empresas jornalísticas e os profissionais. Hoje, porém, ao contrário do final da década de 1980, vivemos o chamado jornalismo pós-industrial (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013), no qual as instituições estão perdendo receita e participação no merca-

³O único trabalho acadêmico encontrado sobre a greve dos jornalistas do Ceará foi a monografia de Natalie Caratti, de 2010. O site do Sindjorce (<http://www.sindjorce.org.br/>) não disponibiliza arquivo sobre o movimento paredista e os registros da imprensa local sobre a greve não estão digitalizados.

⁴Disponível em <http://www.sindjorce.org.br/campanha-salarial-de-impreso-sindicatos-assinam-cct-2018-2020/>. Acesso em 26/07/2020.

do, enquanto novos métodos de trabalhos e processos viabilizados pelas mídias digitais estão ganhando importância. Isso significa, entre outras coisas, mais autonomia para os jornalistas, que, cada vez mais, veem as iniciativas autônomas no ambiente virtual como um caminho profissional.

Ora, se veículos alternativos permeiam a história do jornalismo há pelo menos 200 anos (ATTON E HAMILTON, 2008), na América Latina percebe-se um movimento de multiplicação de experiências nativas digitais desde o final da década de 1990, conforme o relatório “Ponto de Inflexão - Impacto, ameaças e sustentabilidade: Um estudo dos empreendedores digitais latino-americanos” (SEMBRAMEDIA, 2017). Seguindo uma tendência mundial, de acordo com o estudo, centenas de iniciativas foram criadas na região e, no Brasil, esse *boom* se deu a partir de 2013.

A pesquisa “As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídias” (FÍGARO, 2018), do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT-USP), confirmou esse crescente cenário brasileiro. O estudo levantou 170 novos arranjos do trabalho do jornalista no Brasil; só na Grande São Paulo, foram mapeados e analisados 70. O relatório da pesquisa mostra que, para além de melhores salários e condições de trabalho, esses jornalistas buscam satisfação pessoal naquilo que produzem. Eles querem um jornalismo menos dependente dos interesses empresariais ou publicitários e mais conectado com pautas que, de alguma forma, sejam também expressões individuais, que preencham lacunas deixadas pela mídia convencional. Um desejo que não é propriamente novo, mas que agora parece ficar mais viável.

Esse crescimento expressivo do jornalismo independente digital também se verifica em outras regiões do País, mesmo diante dos chamados desertos de notícias (PROJOR, 2020), em que cerca de metade dos municípios brasileiros não possui nenhum veículo de imprensa, muitos deles localizados no interior do Norte e Nordeste. Mas será que as motivações para a criação de um arranjo alternativo de trabalho nesses locais são iguais às de jornalistas em outras regiões? E, dadas as diferenças de cada mercado, como são estabelecidas as relações e as condições de trabalho nesses arranjos? Qual o perfil deles?

A fim de tentar contribuir para um olhar mais amplo sobre essa conjuntura e trazer as especificidades de uma das diversas realidades que o país comporta, em parceria com o CPCT, o Grupo de Pesquisa Práxis no Jornalismo (PráxisJor), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFC (PPGCOM-UFC), está realizando a pesquisa “Arranjos alternativos de jornalismo no Ceará: relações de comunicação e condições de trabalho” desde o final de 2019. Na primeira fase, o estudo coletou e analisou autodeclarações disponíveis nos sites e nas redes sociais de 63 arranjos mapeados (COSTA, ARAÚJO e BATISTA, 2020). Este artigo traz, agora, uma análise inicial da segunda e última etapa do estudo, que consiste em entrevistas semiestruturadas com representantes das iniciativas.

2. Jornalismo e precarização

A crise pela qual passa o jornalismo, além de não ser nova, “é complexa, multifacetada e dinâmica”, como apontou Christofoletti (2019, posição 150-154, edição Kindle, n.p.), e revela-se em diferentes facetas: econômica, política, ética, de credibilidade e, como afirmam Mick e Tavares (2017), de governança. A este cenário já crítico somou-se a pandemia de Covid-19, causada pelo novo coronavírus. Em poucos meses, a doença já interrompeu mais de 650 mil vidas⁵ no mundo e breçou o sistema econômico internacional, gerando uma recessão apontada como a pior desde a Segunda Guerra Mundial.

Ao despontar como uma das atividades essenciais durante a pandemia, fundamental para informar a população acerca do combate à doença e acompanhar ações de governos e instituições na contenção (ou não) da ameaça à saúde pública, o jornalismo parece ter recuperado parte de sua relevância, ao menos na cobertura da Covid-19⁶, levando ao aumento substancial do consumo de notícias, em especial a partir da televisão

⁵Número de mortes até esta data. Disponível em <https://www.poder360.com.br/coronavirus/conheca-os-numeros-do-coronavirus-no-brasil-e-no-mundo-67/>. Acesso em 27/07/2020.

⁶Segundo pesquisa do Datafolha, realizada em março deste ano, programas jornalísticos de TV (61%) e jornais impressos (56%) eram considerados os mais confiáveis na divulgação de informações sobre a crise do novo Coronavírus, seguidos por programas jornalísticos de rádio (50%) e sites de notícias (38%). Já redes sociais como o Facebook e aplicativos de mensagens como o Whatsapp só foram considerados confiáveis por apenas 12% os entrevistados. (Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/tvs-e-jornais-lideram-indice-de-confianca-em-informacoes-sobre-coronavirus-diz-datafolha.shtml>. Acesso em 06/08/2020).

e de fontes online, segundo o Digital News Report 2020⁷. Isso não significou, porém, maior valorização dos funcionários por parte das empresas de mídia.

Assim como outras indústrias, a de comunicação também foi impactada pelo contexto pandêmico, mas quem primeiro sentiu esses efeitos foram os trabalhadores. No caso específico dos jornalistas, quando não perderam o emprego, eles viram sua atividade laboral ficar ainda mais precarizada. Pesquisa realizada pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) apontou que houve redução salarial em cerca de 29% dos locais de trabalho e demissões em mais de 20% das redações (FENAJ, 2020). E, se a maioria dos trabalhadores (75,2%) pode ficar trabalhando de casa, enquanto 24,8% dos colegas precisaram se arriscar em coberturas presenciais, tampouco isso foi traduzido em maior suporte dos empregadores.

Uma das primeiras pesquisas a mostrar um retrato nacional da situação foi realizada pelo CPCT em que foram ouvidos 557 comunicadores de 25 estados mais o Distrito Federal, além de Portugal, entre os dias 5 e 30 de abril de 2020. O estudo “Como trabalham os comunicadores em tempos de pandemia da Covid-19?” apontou justamente a sobreposição das duas crises, a de comunicação e a da pandemia, que resultou em “demissões, contratos precários, rebaixamento salarial, densificação do trabalho, todo tipo de estresse, além do quadro de incertezas sobre o futuro” (FÍGARO, 2020, p. 10). A pesquisa gerou relatório específico sobre a situação no Ceará, quarto estado em número de participantes. Conforme Silva e Costa (2020), os dados corroboram o quadro nacional e, mesmo que se refiram em sua maioria à situação de jornalistas que atuam em empresas da mídia convencional (37%), nos interessam aqui para localizarmos a discussão acerca da crise que também encontra o mercado cearense. Para cerca de 84% dos entrevistados do Ceará, o ritmo de trabalho está mais pesado em função das novas dinâmicas adotadas durante a pandemia. Entre aqueles que tiveram alteração na jornada de trabalho, o aumento foi de uma a seis horas diárias. Para as comunicadoras mulheres, segundo o relatório, a situação é ainda mais grave, se consideradas as históricas precarização e inferiorização do trabalho feminino, com demandas profissionais, domésticas e familiares se somando em plena pandemia.

⁷Disponível em <http://www.digitalnewsreport.org/>. Acesso em 04/08/2020.

Diante de um panorama como o atual, parece-nos ainda mais importante situar nossa discussão teórica dentro do binômio Comunicação e Trabalho (FÍGARO, 2008, 2018), entendendo que o sujeito da comunicação é um sujeito em atividade de trabalho. Assim, as dinâmicas em torno da realidade laboral de jornalistas, estejam em empresas tradicionais ou em iniciativas independentes das corporações de mídia, são potencialmente reveladoras. Nesse sentido, a ergologia é o ponto de partida para a compreensão de que o trabalho não se resume à mera relação de troca remunerada, mas “é uma atividade que tem por alvo a produção de valores de uso e é condição e necessidade física da vida humana, portanto a relação homem/natureza se objetiva por meio do fazer necessário para a sobrevivência” (FÍGARO, 2008, p. 117).

Essa relação se manifesta a partir de diversos fatores, mas considerando que “trabalho também é inegavelmente histórico, uma vez que traz consigo a herança das técnicas, da experiência de gerações passadas e, também, da experiência pessoal” (COSTA, ARAÚJO e BATISTA, 2020, p. 138), a linguagem é um caminho profícuo para a análise.

[...] estudar o mundo do trabalho e a atividade de trabalho por meio da linguagem e da comunicação dos sujeitos (corps-soi) é a maneira mais eficiente de se aproximar da realidade do trabalho, dos seus desafios, dos conflitos que permeiam seu ambiente; as dificuldades em gerir as impertinências das condições de trabalho e de como tentar superá-las. (FÍGARO, 2008, p. 127. Grifo da autora)

Daí recorrermos ao exame dos enunciados que exprimem experiências pessoais (LABOV, 2008) dos jornalistas representantes dos arranjos, a partir das entrevistas semi-estruturadas, como meio válido para a análise. É importante lembrar que, apesar de seguirmos os passos da pesquisa-mãe engendrada pelo Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho, há especificidades que se apresentaram no estudo feito no Ceará, as quais detalharemos a seguir.

3. Metodologia

Como dito, esta investigação integra o projeto de pesquisa “Arranjos Alternativos de Jornalismo no Ceará: relações de comunicação e condições de trabalho”, e herda desse projeto sua natureza qualitativa, de feição exploratória. Deslauriers e Kérisit

(2008) observam que os delineamentos qualitativos visam dar conta das preocupações dos atores sociais que uma investigação baseada unicamente em técnicas quantitativas não conseguiria contemplar. A partir dessa opção, assumimos que este é um estudo exploratório, uma vez que se trata de uma investigação de natureza preliminar, realizada com a finalidade de melhor adequar as etapas posteriores da pesquisa à realidade que se pretende conhecer (PIOVESAN E TEMPORINI, 1995; FÍGARO, 2018).

Como pondera Fígaro (2018), os novos arranjos de trabalho do jornalista configuram um campo em construção, movediço e passível de mudanças profundas em razão da conjuntura política e econômica. Desse modo, a pesquisa exploratória permite reunir elementos que facilitem, em etapas posteriores, a resolução de problemas factíveis.

Essa metodologia de pesquisa se mostra adequada porque os proponentes desse estudo não têm como formular de antemão as características predominantes desses arranjos econômicos alternativos, além de repetir o que eles próprios afirmam, isto é, não se organizam como as grandes empresas de mídia (FÍGARO, 2018, p. 32)

A seleção dos entrevistados neste estudo partiu de um universo inicial de 63 arranjos de comunicação cearenses identificados a partir da técnica de bola de neve, obtendo indicações por meio de informantes dentro do universo desses arranjos, as chamadas “sementes” (BALDIN; MUNHOZ, 2011). Circunscrito o corpus inicial, coletamos autodeclarações de cada um desses arranjos em seções de sites e redes sociais nos quais o arranjo possui alguma atuação. A análise das autodeclarações nos permitiu realizar uma nucleação dos arranjos, isto é, uma tentativa de agrupá-los a partir de critérios de proximidade ou características em comum, de modo a avançar na compreensão do tipo de trabalho jornalístico que realizam.

Os critérios tomados em consideração para a composição dos núcleos foram: presença ou ausência de referências à regionalidade e presença ou ausência de referências às características jornalísticas (gêneros e formatos, rotinas e práticas e aspectos éticos/deontológicos) nas autodeclarações. A presença ou ausência de referências ao caráter alternativo, independente, empreendedor e inovador, assim como a percepção ou não do caráter personalista do arranjo motivaram subnucleações dentro dos seis núcleos

principais. A Tabela 1, a seguir, sintetiza a distribuição dos arranjos nos diferentes núcleos.

Tabela 1 - Síntese da distribuição dos arranjos em núcleos

Núcleo	Discriminação do núcleo	Número de arranjos
1	R+3J	11
2	R+J	29
3	R+SJ	9
4	SR+3J	3
5	SR+J	10
6	SR+SJ	1
Total de arranjos		63

Legenda: R=marcador de regionalidade; SR=sem regionalidade; J=pelo menos um marcador de jornalismo; 3J=três marcadores de jornalismo; SJ=sem marcador jornalístico

A etapa de entrevistas, da qual trazemos uma amostra neste trabalho, se concentra em arranjos nos núcleos em que há presença de marcadores jornalísticos. Os núcleos 1 e 2 são os mais expressivos, do ponto de vista quantitativo, em relação ao universo global da pesquisa, e permitiram que as entrevistas tratassem tanto das condições de trabalho como também de minúcias acerca da prática jornalística levada a termo por esses arranjos. Foram entrevistados Rafael Luís Azevedo, representante do site Verminosos por Futebol (núcleo 1), Bruno de Castro, representante do site Ceará Criolo (núcleo 2), e Izakeline Ribeiro, representante do site Sabores da Cidade (núcleo 2).

As entrevistas ocorreram entre os dias 6 e 10 de julho de 2020, por meio de videochamada na plataforma Google Meet, gravadas e posteriormente transcritas. A Tabela 2, a seguir, apresenta dados sobre a realização dessas entrevistas.

Tabela 2 - Entrevistas com representantes de arranjos de comunicação

Data	Entrevistado	Arranjo	Duração (min.)
6/7/2020	Bruno de Castro	Ceará Criolo	150
8/7/2020	Rafael Luís Azevedo	Verminosos por Futebol	174
9 e 10/7/2020	Izakeline Ribeiro	Sabores da Cidade	240

As entrevistas contemplaram um roteiro de cerca de 50 perguntas e eventuais questionamentos surgidos ao longo da interação, o que as caracterizam como semiestruturadas. Os três entrevistados são jornalistas formados, residentes em Fortaleza (CE) e manifestaram seu consentimento em participar da pesquisa na própria videochamada, em consonância com as recomendações para esse tipo de pesquisa (BRASIL, 2020).

Sobre a utilização de entrevistas na pesquisa qualitativa, Duarte (2004, p. 215) assinala que esse instrumento se faz necessário “quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados”. Já a técnica de videogravação na obtenção de dados em pesquisas é abordada por autores como Reyna (1996), que argumenta a favor da maior disponibilidade de exame dos dados propiciada por registros acessíveis *a posteriori*.

As situações de entrevista se revelaram propícias para a produção de narrativas de experiência pessoal (LABOV, 1997, 2008), isto é, sequências de eventos ocorridos com o falante/entrevistado, que no caso das entrevistas realizadas foram os responsáveis pela criação e desenvolvimento de seus respectivos arranjos de trabalho em comunicação. Nesse sentido, as entrevistas buscaram obter relatos desses eventos, bem como a avaliação sobre essas situações, isto é, suas implicações para o próprio falante. As análises levam em conta esse enquadre, além de focar pontos de vista e concepções não necessariamente narrativas apresentadas pelos entrevistados, a exemplo de suas percepções/opiniões sobre o que seja jornalismo independente ou alternativo, entre outras, aqui tidas como importantes para a obtenção de pontos de vista (CUNHA, 2012) que expressem as crenças e valores daqueles interlocutores. A seleção de tais operadores de análise

se é respaldada pela assunção da linguagem como *locus* preferencial para a apreensão das relações entre comunicação e trabalho (FÍGARO, 2014).

4. Resultados e discussão

As entrevistas realizadas com os jornalistas Bruno de Castro (Ceará Criolo), Rafael Luís Azevedo (Verminosos por Futebol) e Izakeline Ribeiro (Sabores da Cidade) permitiram confrontar as primeiras hipóteses da pesquisa coletiva “Arranjos Alternativos de Jornalismo no Ceará: relações de comunicação e condições de trabalho”, formuladas por ocasião da etapa de análise de autodeclarações. O discurso oral dos representantes desses arranjos descortina detalhes de seu funcionamento e história, bem como deixa entrever a maior ou menor adesão a determinados valores e práticas que caracterizam o jornalismo. As principais inferências autorizadas pelos dados obtidos nas três entrevistas são:

1. Os representantes entrevistados possuem relação com as causas ou temas que norteiam os arranjos ou determinam seu escopo de cobertura, tendo sido motivados a fundar os arranjos para aprofundar, experimentar ou propor coberturas e conteúdos com maior autonomia.
2. Os entrevistados apresentam diferentes visões sobre jornalismo independente e alternativo, assim como acerca dos conflitos éticos decorrentes dos vínculos trabalhistas assumidos por eles, com maior ou menor permissividade a determinados tipos de aproximações ou relações financeiras.
3. Prevaecem relações de trabalho em que os arranjos figuram como segunda atividade, realizada no tempo livre ou no tempo não ocupado pela atividade principal, que invariavelmente é um vínculo de natureza mais formal e que prevê remuneração periódica. As formas de vínculo dos colaboradores dos arranjos também é variável - desde voluntariado até serviços eventuais remunerados - mas em nenhuma das iniciativas há contratação formal.
4. Os arranjos encontram-se em posições distintas no que tange à sua sustentação financeira: enquanto os mais longevos (Verminosos por Futebol e Sabores da Cidade) experimentaram, ao longo do tempo, diversas modalidades de rentabiliza-

ção, o arranjo com menor tempo de atuação (Ceará Criolo) relata esforços para garantir fontes de receita que não contradigam os princípios editoriais e ideológicos do projeto, personificando o que Fígaro (2018) descreve como conflito entre o compromisso com a independência jornalística e a vinculação a anunciantes e financiadores.

5. Como apontado na pesquisa original (FÍGARO, 2018), os arranjos buscam expressar vozes e pontos de vista diferentes daqueles presentes nos conglomerados de mídia convencionais. É proposta, por exemplo, uma cobertura esportiva menos factual e mais pautada em histórias de interesse humano (Verminosos por Futebol), e ainda o antirracismo como valor-notícia (Ceará Criolo), numa perspectiva assumidamente humanista e progressista.
6. O aspecto local ou regional das coberturas e da identidade editorial dos arranjos, dado recorrente na primeira etapa da pesquisa, não é majoritário neste recorte de entrevistados. A regionalidade é concebida em termos de circunscrição geográfica, facilidade de acesso a fontes de informação e fontes financiadoras, que podem ser implicadas diretamente nas coberturas e projetos.

4.1 Discussão

A busca por diferenciação editorial em relação às empresas convencionais de comunicação como motivadora do surgimento dos arranjos é atestada pelas falas de Bruno de Castro e Rafael Luís Azevedo. O primeiro relata ter participado de curso sobre comunicação e igualdade racial realizado pelo Sindicato dos Jornalistas do Ceará em 2017. Ali, junto a outros profissionais, esboçou o arranjo como trabalho de conclusão do curso. O relato desse evento motiva o seguinte comentário do profissional.

A gente sempre teve muito claro isso, foi uma premissa desde o primeiro momento que a gente não tinha interesse em manter uma linha editorial similar à que a gente já encontrava nas empresas de comunicação, inquietava muito a gente, isso foi objeto de estudo durante todo o curso, o modo como as empresas de comunicação retratam a população negra. (CASTRO, 2020)

O segmento avaliativo contido na passagem “a gente não tinha interesse em manter uma linha editorial similar à que a gente já encontrava nas empresas de comuni-

cação” tanto nos fala acerca da busca por diferenciação num cenário de concorrência acirrada com redes sociais e outras iniciativas jornalísticas (ANDERSON, BELL E SHIRKY, 2013) como indica a insatisfação com o que seriam limitações ou silêncios da cobertura dos veículos hegemônicos. Já Rafael Luís expressa preocupações semelhantes ao relatar a criação do arranjo Verminosos por Futebol, quando assinala, por exemplo, “que chegou em um ponto que eu percebi que para eu fazer o que eu queria, eu precisaria ter o meu próprio veículo” (AZEVEDO, 2020).

Mesmo atuando em paralelo aos veículos hegemônicos, o caráter independente ou alternativo dos arranjos, ao menos na concepção dos entrevistados, não é consensual. Nesse sentido, Izakeline Ribeiro evita conceitualizar o arranjo Sabores da Cidade como independente ou alternativo, pela compreensão de que essas categorias engendram um tipo de jornalismo “político” ou de “pautas mais investigativas” não alcançadas pelo arranjo. Já Rafael Luís relaciona independência à ausência dos vínculos econômicos típicos da mídia tradicional. Por sua vez, Bruno de Castro, do Ceará Criolo, entende seu arranjo como independente, enfatizando não possuir relação de dependência econômica, tampouco editorial, com anunciantes.

Izakeline Ribeiro prefere qualificar o Sabores da Cidade como inovador, pelo fato de ser, desde sua fundação, uma plataforma inteiramente digital, e também como empreendedor, pela busca de “novas propostas, novos modelos de rentabilizar a plataforma, que é uma coisa muito nossa, que foi nessa luta de tentar entender como isso poderia ser rentável, como isso poderia ser viável financeiramente” (RIBEIRO, 2020). Rafael Luís segue caminho semelhante ao perceber, como inovação, a iniciativa de produzir um veículo jornalístico fora das redações tradicionais. Já Bruno de Castro também assinala a própria existência de seu arranjo como algo inovador em si. “Então a gente, quando se coloca na proposta de ter uma discussão racial diária (...) em várias plataformas, em várias linguagens, isso se coloca numa perspectiva inovadora, principalmente pelo contexto de mercado que temos aqui no Ceará” (CASTRO, 2020).

Em todos os casos, os vínculos de trabalho estabelecidos nos/pelos arranjos são de natureza informal. Os três entrevistados são jornalistas que atuam em assessorias de comunicação ou na mídia tradicional em Fortaleza, empregos com vínculos formais de onde retiram a maior parte ou mesmo a totalidade de seus ganhos. As formas de vínculo

dos colaboradores dos arranjos também é variável - desde voluntariado até serviços eventuais remunerados - mas em nenhuma das iniciativas há contratação formal. Com exceção do Ceará Criolo, arranjo mais recente dentre os três, que iniciou as atividades com uma equipe de cinco pessoas, os demais são bastante identificados com a figura de seus fundadores, que vem trabalhando majoritariamente sozinhos ao longo dos anos. Isso implica em polivalência funcional por parte, sobretudo, dos jornalistas Izakeline Ribeiro e Rafael Luís, que assumem várias atribuições na cadeia de produção editorial e também se viram obrigados a lidar com decisões de natureza comercial. Ambos realizam contratações pontuais de serviços, sobretudo ligados ao desenvolvimento e à manutenção das plataformas digitais em que os arranjos se encontram.

Os arranjos encontram-se em posições distintas no que tange à sua sustentação financeira: enquanto os mais longevos (Verminosos por Futebol e Sabores da Cidade) experimentaram, ao longo do tempo, diversas modalidades de rentabilização, o arranjo com menor tempo de atuação (Ceará Criolo) relata esforços para garantir fontes de receita que não contradigam os princípios editoriais e ideológicos do projeto, personificando o que Fígaro (2018) descreve como conflito entre o compromisso com a independência jornalística e a vinculação a anunciantes e financiadores. Já os dois primeiros arranjos possuem em comum em sua trajetória a experiência com diferentes modelos de financiamento (postagens patrocinadas, anúncios, eventos, venda ou cessão de conteúdo para outros veículos, por exemplo). A esse respeito, a passagem a seguir da fala de Rafael Luís Azevedo, expressando teor avaliativo a partir do relato da fundação do site, indica que a rentabilidade financeira sempre esteve no horizonte do arranjo.

(...) a ideia era ter um veículo que (...) depois de ele estar consolidado, ele me remunerasse e ele virasse uma forma de sustentação e aí para ficar bem claro que a intenção não era e nunca foi, nunca vai ser, que o Verminosos vire uma grande empresa, um conglomerado de comunicação que tenha vários funcionários. (AZEVEDO, 2020)

Como apontado na pesquisa original (FÍGARO, 2018), os arranjos buscam expressar vozes e pontos de vista diferentes daqueles presentes nos conglomerados de mídia convencionais. É proposta, por exemplo, uma cobertura esportiva menos factual e mais pautada em histórias de interesse humano (Verminosos por Futebol), e ainda o antirracismo como valor-notícia (Ceará Criolo), numa perspectiva assumidamente huma-

nista e progressista. Já o site Sabores da Cidade incorporou a perspectiva da experiência gastronômica pessoal da própria autora de visita a restaurantes e outros estabelecimentos.

O aspecto local ou regional das coberturas e da identidade editorial dos arranjos, dado recorrente na primeira etapa da pesquisa, não é majoritário neste recorte de entrevistados. Dois deles não limitam suas abordagens a temas ou recortes locais/regionais, além de terem audiência majoritária originada de outros Estados que não o Ceará. Quando acolhida como marcador relevante, a regionalidade tende a ser expressa em termos de circunscrição geográfica, facilidade de acesso a fontes de informação e fontes financiadoras, que podem ser implicadas diretamente nas coberturas e projetos.

5. Considerações finais

A perspectiva inédita que se descortina nesta pesquisa, com a sistematização de parte relevante do jornalismo realizada para além das redações tradicionais no Ceará, responde à provocação de Deuze e Witschge (2015) de que é necessário olhar para aquela prática profissional a partir de suas margens. Essa compreensão, mais do que uma tomada de posição epistemológica, é também uma oportunidade de fornecer instrumentos aos profissionais para produzirem contexto e entendimento acerca das transformações do jornalismo que eles mesmos protagonizam.

Os relatos de experiência realizados nas entrevistas nos falam de sujeitos jornalistas que se irmanam, mesmo que em contextos e tempos cronológicos diversos, no arrojado de suas práticas, quando entendem haver espaço para a criação de arranjos de comunicação num cenário de escassez de veículos de mídia em contextos como o cearense (PROJOR, 2020). Entre os desafios que se apresentam para essas iniciativas, o mais notável, neste estágio de nossa pesquisa, parece ser a conquista da sustentabilidade financeira conciliada aos valores jornalísticos que orientam a produção dos arranjos.

A continuidade da etapa de entrevistas em profundidade, contemplando outros sujeitos, bem como núcleos distintos da pesquisa, poderá conferir ratificação empírica às linhas inquisitivas que orientam a pesquisa, quais sejam: a caracterização das relações de comunicação e das práticas jornalísticas levadas a termo por essas iniciativas,

bem como das relações de trabalho forjadas em meio a profundas transformações da profissão de jornalista.

Referências

ANDERSON, c.w.; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. **Jornalismo Pós-Industrial: adaptação aos novos tempos**. Revista de Jornalismo ESPM, São Paulo. Editora ESPM. p.30-89. abril-junho de 2013.

ATTON, Chris; HAMILTON, James F. **Alternative Journalism**. Londres: SAGE Publications Ltd, 2008.

AZEVEDO, Rafael Luís. [jul. 2020]. **Entrevista concedida a Raphaele Batista e Rafael Costa**. Fortaleza, 2020. 1 arquivo .mp4 (174 min.).

BALDIN, Nelma; MUNHOZ, Elzira M. Bagatin. Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. In: **CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO**, Vol. 10, 2011, pp. 329-341.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. **Cartilha dos Direitos dos Participantes de Pesquisa - Versão 1.0**. Brasília: CO-NEP/CNS/MS, 2020.

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CARATTI, Natalie. **A greve de 1988 dos jornalistas e as estratégias de mobilização 2010**. 50 f. Monografia (graduação em Jornalismo). Curso de Comunicação social com habilitação em Jornalismo, Faculdade 7 de Setembro, Fortaleza, 2010.

CASTRO, Bruno de. [jul. 2020]. **Entrevista concedida a Raphaele Batista e Rafael Costa**. Fortaleza, 2020. 1 arquivo .mp4 (150 min.).

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **A crise do jornalismo tem solução?** Estação das Letras e Cores, Edição Kindle, 2019, Não Paginada.

COSTA, Rafael Rodrigues da; ARAÚJO, Mayara Carolinne Beserra de; BATISTA, Raphaele. Apontamentos para um perfil dos arranjos alternativos de jornalismo no Ceará. **Cambiassu: Estudos em Comunicação**, v. 15, p. 135-150, 2020.

CUNHA, Dóris de Arruda C. da. Reflexões sobre o ponto de vista e a construção discursiva de comentários de leitores na web. **Revista Investigações**, v. 25, n. 2, p. 21-41, 2012.

DESLAURIERS, Jean Pierre; KÉRISIT, Michelle. **O delineamento de pesquisa qualitativa. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**, v. 2, 2008, pp. 127-153.

DEUZE, Mark; WITSCHGE, Tamara. Além do jornalismo. **Leituras do jornalismo**, v. 2, n. 4, 2015.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar em revista**, n. 24, p. 213-225, 2004.

FENAJ, 2020. **Pesquisa: Covid 19 entre jornalistas e condições de trabalho**. Disponível em <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2020/06/pesquisa-covid-2020.pdf>. Acesso em 04/08/2020.

FILHO, Edgard Patrício de Almeida; SILVA, Naiana Rodrigues. TERRITORIALIDADE E ETHOS EM INICIATIVAS DE JORNALISMO INDEPENDENTE DO NORDESTE DO BRASIL. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, [S.l.], v. 15, n. 4, jul, jul. 2019. ISSN 1809-239X. Disponível em: <<https://www.rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/view/4851>>. Acesso em: 06 ago. 2020.

FÍGARO, Roseli. Atividade de comunicação e de trabalho. **Trabalho, Educação e Saúde**, 6(1), 2008, pp. 107-146. <https://dx.doi.org/10.1590/S1981-77462008000100007>

FÍGARO, Roseli. O campo da comunicação e a atividade linguageira no mundo do trabalho (Tema central). **Chasqui**, 2014, 126: 57-65.

FÍGARO, Roseli (Org.). **As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia**. São Paulo: ECA/USP, 2018.

FÍGARO, Roseli (Coord.). **Relatório dos resultados da pesquisa: como trabalham os comunicadores em tempos de pandemia da Covid-19?** São Paulo: ECA-USP, 2020.

FÍGARO, Roseli; NONATO, Claudia. Novos "arranjos" econômicos alternativos para a produção jornalística. **Contemporanea - comunicação e cultura**, v.15, jan-abr 2017, pp. 47-63.

LABOV, William. Some further steps in narrative analysis. **Journal of narrative and life history**, v. 7, p. 395-415, 1997.

LABOV, William. Oral narratives of personal experience. **Cambridge encyclopedia of the language sciences**, p. 546-548, 2008.

MICK, Jacques; TAVARES, Luísa. A Governança do Jornalismo e Alternativas para a Crise. **Brazilian Journalism Research**. V. 13, N. 2, 2017.

PIOVESAN, Armando; TEMPORINI, Edméa Rita. Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. **Revista de Saúde Pública**, 1995, v. 29, n. 4, pp. 318-325.

PROJOR. **Atlas da Notícia**. Recuperado em 10 julho, 2020, de <https://www.atlas.jor.br/>

REYNA, Carlos. Pérez. Vídeo e pesquisa antropológica: encontros e desencontros. **Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia**. São Paulo: 6, 1996, p. 255-267.

RIBEIRO, Izakeline. [jul. 2020]. **Entrevista concedida a Raphaele Batista e Rafael Costa**. Fortaleza, 2020. 1 arquivo .mp4 (240 min.).

SILVA, Naiana Rodrigues da; COSTA, Rafael Rodrigues da (org.). **Como trabalham os comunicadores em tempos de pandemia do Covid-19?: dados do Ceará**. São Paulo: Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT-ECA-USP); Fortaleza: PRAXISJOR-UFC, 2020. Disponível em <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/53118>>. Acesso em 04/08/2020.

SINDJORCE, 2019. Disponível em <http://www.sindjorce.org.br/campanha-salarial-de-impreso-jornalistas-deflagram-estado-de-greve/>. Acesso em 26/07/2020.

SEIXAS, Lia. **Redefinindo os gêneros jornalísticos**: proposta de novos critérios de classificação. Covilhã: LabCom Books, 2009.

SEMBRAMEDIA. **Relatório Ponto de Inflexão** - Impacto, ameaças e sustentabilidade: Um estudo dos empreendedores digitais latino-americanos. Julho, 2017. Disponível em <http://data-sembramedia.org/>. Acesso em 11/01/2019.